

## SALDO COMERCIAL

**Roberto Rodrigues\***

Os números relativos ao saldo comercial brasileiro no ano passado trouxeram boas e más notícias. A melhor delas foi o crescimento do saldo comercial total do país: em 2014 ele havia sido negativo em 4,05 bilhões de dólares, o pior resultado desde 1998, e em 2015 foi positivo em 19,69 bilhões, um salto brilhante, devido, principalmente, à redução das importações e não ao aumento das exportações, como seria desejável. Com efeito, as exportações na realidade caíram 15%, indo de 225,10 bilhões em 2014 para 191,13 bi no ano passado. Em compensação, as importações caíram bem mais, cerca de 25%, de 229,15 bi para 171,45 bilhões de dólares de um ano para outro. Isso é claramente explicado pela redução da atividade econômica como um todo: menor importação significa esfriamento da economia.

Por outro lado, houve um resultado ruim para o agronegócio: foi a redução do seu saldo em cerca de 6%. Nosso saldo comercial em 2014, de 80,14 bilhões de dólares, caiu para 75,15 bi no ano passado. Também explicável facilmente pela queda dos preços das commodities, como foi o caso da soja, que é o principal produto da pauta de exportações brasileiras, à frente até mesmo do minério de ferro e do petróleo. O agronegócio exportou em 2015 o total de 88,22 bilhões de dólares, 9% a menos que no ano anterior (96,75 bi). E importou 21% a menos, indo de 16,61 bi em 2014 para 13,07 em 2015.

No entanto, mesmo com essa diminuição de saldo, ainda um ganho no quadro final do saldo comercial: as exportações do agro em 2014 representaram 43% do total exportado pelo país, enquanto que em 2015 essa participação subiu para 46%. Mesmo nas importações o agro foi mais ativo, tendo sua participação no total importado crescido de 7% para 8% de um ano para o outro.

São números bastante interessantes, mas representam apenas uma fotografia restrita de relações entre um ano e outro, ambos muito marcados por características especiais, que não ocorrem sistematicamente, como é o exemplo da questão cambial.

Por isso vale a pena uma análise de longo prazo para que se entenda mais objetivamente o que aconteceu com o saldo do campo brasileiro em comparação com o saldo total do Brasil.

Um ano bom para ponto de partida é 1990, ano do famigerado Plano Collor, que expôs os produtores rurais brasileiros a uma competição global sem nenhum tipo de proteção com que contavam os concorrentes dos países ricos. Naquele ano, as exportações brasileiras totais foram de 31,41 bilhões de dólares, e as do agro, de 12,99 bilhões, ou 41% do total. De lá para cá, o crescimento das nossas exportações totais foi de 508%, enquanto as do agro aumentaram 579%! Isso sim é um sucesso notável, mostrando clara melhoria em nossa competitividade.

Por outro lado, no mesmo período as importações totais que foram de 20,66 bilhões em 1990, cresceram 730% até 2015 (171,45 bi). Já as importações do agro aumentaram menos da metade das totais, cerca de 311% apenas, saindo de 3,18 bi em 1990 para 13,07 no ano passado. Portanto, nossa indústria de insumos teve um excelente desempenho, substituindo importações por produção industrial nacional.

Em resumo, mesmo a notícia pouco animadora da queda do saldo comercial do agronegócio em 2015 relativamente a 2014 fica menor diante destas outras duas revelações: entre os dois anos, a participação do agro cresceu, mostrando a bela dinâmica do setor; e, no longo prazo, essa dinâmica é ainda mais espetacular, consolidando o agronegócio como um importante motor para o saldo comercial brasileiro.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**